Artistas do Cariri

MEMÓRIAS KARIRI

Edição 1
Juazeiro do Norte,
setembro de 2021

Redação:
Aline Fiuza
Amanda Nobre
Guilherme Carvalho

Ilustração:
Clarice França
Bancos digitais

Colagem digital:
Sarah Frutuoso

Diagramação:
Amanda Nobre

Professor Orientador:
José Anderson Sandes

Textos baseados em matérias originais da revista Memórias Kariri.

Cartilha educativa experimental do projeto Memórias Kariri, vinculado à PROCULT e PROEX da Universidade Federal do Cariri.

ARTISTAS DO CARIRI

1. **BABINSKI**
   Pintura — Várzea Alegre
2. **CÍCERO BENTO**
   Joias — Nova Olinda
3. **ESPEDITO SELEIRO**
   Couro — Nova Olinda
4. **STÊNIO DINIZ**
   Xilogravura — Juazeiro
5. **VILANI BORGES**
   Bonecas — Juazeiro

UFCA PROCULT Pró-Reitoria de Cultura
UFCA PROEX Pró-Reitoria de Extensão
MEMÓRIAS KARIRI

APRESENTAÇÃO

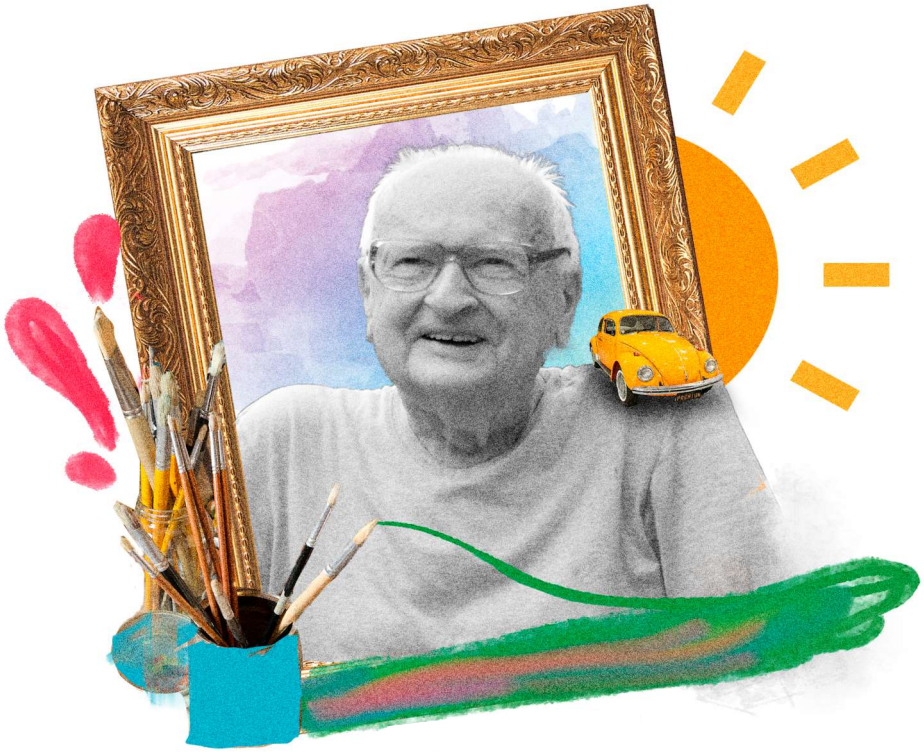
Na primeira edição da Cartilha Memórias Kariri trazemos histórias de importantes artistas da região do Cariri cearense. São pessoas que, por tanta dedicação à arte, fizeram a região se tornar conhecida nacionalmente e mundialmente no meio artístico. Assim, também merecem ser valorizados por todos nós.

Nas nossas páginas, você irá conhecer Babinski com seu talento nas pinturas, Cícero Bento com seu trabalho na fabricação de joias, Espedito Seleiro com sua arte nas peças de couro, Stênio Diniz com sua dedicação à xilogravura e Vilani Borges com sua produção de bonecos de pano.

São as riquezas dos artistas do Cariri registradas para sempre nas páginas e nas nossas Memórias. Para saber mais, vamos mergulhar nessa aventura.

Boa leitura!

VENHA NOS CONHECER!



BABINSKI

Pintor

Maciej Antoni Babinski nasceu em 1931, em Varsóvia, na Polônia, e é um pintor e artista plástico conhecido mundialmente. Ele fugiu do terror da Segunda Guerra Mundial, assim como outros poloneses. A primeira parada foi no Canadá, onde encontrou-se com as artes plásticas. De lá, chegou ao Brasil, em 1953, onde teve uma trajetória singular. Hoje, o artista vive em Várzea Alegre com seus dois amores: as artes e a sua esposa, Lídia.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas durante sua vida, Babinski encontrou um refúgio na arte. Ele iniciou os estudos na área e desenvolveu seus talentos de pintor, gravador, ilustrador e desenhista. Posteriormente, ainda encontrou outra paixão, a de ensinar. Foi dessa forma que Babinski transmitiu seus conhecimentos e suas experiências, contribuindo com a formação de novos artistas. O seu trabalho foi reconhecido mundialmente e a sua história de vida é inspiração para quem carrega o sonho de ser artista no coração.

Seus primeiros trabalhos foram desenhos com carvão, gravuras e aquarelas. A primeira exposição foi em Montreal, no Canadá, no seu quarto, o artista colocou um pano feito com sacaria bruta na parede e expôs os trabalhos. Babinski conta com orgulho que dois críticos foram ver a exposição, e que um texto escrito por um deles é muito importante para sua história.

"Eu não tinha nada especial, mas tinha curiosidade e boas exposições"

Já com uma carreira iniciada, Babinski decidiu deixar o Canadá e ir para um lugar mais tranquilo, chegando ao Brasil. No país, foi professor em instituições de diversos estados e, no Distrito Federal, encontrou o seu amor, Lídia. A partir disso, os dois decidiram se mudar para Várzea Alegre, interior do Ceará. Ele relata que não teve nenhuma dificuldade para se adaptar ao sertão e que deseja ficar na localidade até seus últimos dias.

A paixão que Babinski carrega em seu coração pela arte e por sua esposa é encantadora. Um homem de uma história de vida difícil, cheia de complicações, mas que nunca desistiu da sua felicidade. E que encontrou um local para descansar depois de tanto fazer pela arte e pelos artistas. Babinski é talento, inspiração e persistência. Um encanto de pessoa e artista, e, por isso, merece o reconhecimento mundial e de todas gerações. Uma memória caririense guardada no coração de Várzea Alegre.

Texto adaptado da Memórias Kariri #4

Saiba mais

CÍCERO BENTO

Artista das Joias

Cícero Bento de Mendonça, conhecido como Seu Ciço, tem 65 anos e é técnico de laboratório em joias do curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Nasceu na cidade de Caririaçu, mas durante sua vida, teve passagens pela capital São Paulo e morou também em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Estabelecido no Cariri, dedica sua vida a uma arte singular: a ourivesaria.

O ofício dos ourives acompanha a vida de Cícero Bento desde muito cedo. Seu primeiro trabalho na área foi como “meio oficial de ourives”. Em décadas dedicadas à profissão, Seu Ciço aperfeiçoou sua técnica e passeou por diversas empresas do ramo. Hoje, seu trabalho é direcionado a auxiliar estudantes de graduação.

No Laboratório de Joias da UFCA, Cícero Bento se sente em casa. Ele conta que tentou ingressar no quadro de docentes da instituição primeiramente em 2015, como assistente administrativo. Porém, foi através de um concurso específico para sua área que o novo emprego surgiu. No dia a dia, ele é responsável por realizar tarefas práticas com os alunos.

"Você é o artista, singular. Você está criando uma peça única"

Cícero observa o avanço da tecnologia como uma ameaça à arte dos ourives. Segundo ele, grande parte do processo que antes era encarregado pelo artesão, pode ser feito hoje por um computador. Entretanto, não há espaço para exclusão do artista. Seu Ciço acredita que a relação entre o ser humano e seu objeto de trabalho é única. Com décadas de sua vida dedicadas ao trabalho, Cícero Bento classifica sua profissão como um sonho. Para ele, a arte dos ourives trouxe o sentido para seu cotidiano. Ele se considera bom no que faz e, por isso, que segue tocando a vida.

Texto adaptado da Memórias Kariri #2

Saiba mais

ESPEDITO SELEIRO

Artista do Couro

Espedito Seleiro é o mestre do couro conhecido e valorizado em todo o Brasil e no exterior. Com sua técnica única, ele produz celas, gibões, bolsas, chinelos, cintos e chapéus feitos de couro. Morador de Nova Olinda-CE, nascido em 1939, ele trabalha dia e noite, acordando cedo, desde às quatro da manhã.

Em sua infância, não pôde estudar, mas aprendeu o básico em matemática, já que na época, as condições eram difíceis. Suas brincadeiras preferidas eram jogar bola e andar de cavalo. Sua família é de seleiros, e Espedito continuou a tradição, apesar de ter passado por dificuldades. Apesar de todos trabalharem com couro, Espedito mudou a maneira como seus antepassados faziam, produzindo peças exclusivas, feitas sob medida, também com detalhes coloridos, entre outros. Para inovar e fazer essas peças coloridas no couro, Espedito pessoalmente fabricou as próprias tintas, buscando anjico no mato, lama, óleo e outras misturas.

O talento de Espedito com o couro é conhecido no mundo inteiro. Suas peças já foram exibidas em filmes, novelas, exposições de arte e moda. Nova Olinda recebe muitos visitantes de diversas partes do país que vão conhecer suas peças. Em sua casa, há um complexo que abriga lojas, comércios e museu sobre sua vida e obra. Os visitantes variam entre pessoas da região, estudantes de outros estados e até mesmo famosos Brasil afora.

O trabalho com couro é muito importante. Se não fosse por ele não saberíamos como eram as vestimentas dos vaqueiros, cangaceiros e tropeiros. As peças de couro já participaram da São Paulo Fashion Week, mas apesar da fama das bolsas e sandálias, Espedito prefere fazer as tradicionais peças de vaqueiro: gibão e selas. Ele faz questão das modelos levarem para os desfiles suas peças tradicionais que aprendeu a fazer ainda pequeno com o pai.

"Você nunca para de aprender, nem de ensinar"

As peças feitas por Espedito são cuidadosamente projetadas, com moldes e design específico e material selecionado. Sua amizade com Violeta Arraes, Alemberg Quindins e outras pessoas ajudaram a expor o trabalho Brasil afora. A maioria das pessoas compram os adereços e vestimentas para decoração e recordação, já que não vão utilizá-las. Os filhos, netos, sobrinhos, irmãos, toda a família trabalha com Espedito na produção das peças e são responsáveis por perpetuar o seu legado.

Texto adaptado da Memórias Kariri #1

Saiba mais

STÊNIO DINIZ

Artista da Xilogravura

Stênio Diniz é um Mestre da Cultura conhecido por ser xilógrafo, tipógrafo, desenhista, pintor, dramaturgo, compositor, intérprete e poeta popular. Seu trabalho é dedicado a manter, desenvolver e propagar as tradições cearenses. Desde 1985 ele viaja ao exterior e sua obra é conhecida em Portugal, França, Bélgica, Áustria, Alemanha, Holanda, entre outros países.

Nascido em Juazeiro do Norte, Stênio já talhou diversas xilogravuras para capas de cordéis clássicos como “A Chegada de Lampião no Inferno”, “Pavão Misterioso”, “Juvenal e o Dragão”, entre outros. Apesar das crises e desafios enfrentados ao longo da vida, possui grande prestígio internacional. Em suas telas, molduras e matrizes - piracemas, pássaros encantados, pavões e outros personagens parecem emergir de um mundo fantástico, lúdico e por vezes até assustador. Suas obras tem muito amor envolvido e a poesia faz parte do seu cotidiano.

Começou a trabalhar desde os 5 anos, foi alfabetizado tardiamente, com uma educação das antigas, à base de palmatória e caroços de milho. Seu interesse pela xilogravura surgiu desde a infância, porém, seu primeiro trabalho foi feito graças a uma “traquinagem”. Seu tio Lino fazia as gravuras na madeira, e Stênio pediu permissão para que também pudesse fazer, o tio negou. Mas Stênio não desistiu, esperou a hora do almoço para que todos saíssem e pegou uma madeira escondida para fazer a capa. Quando terminou, mostrou ao tio e ao avô, que aprovaram e reconheceram o talento do menino. Desde então, Stênio não parou mais de fazer gravuras.

´´O importante é ser autêntico no que sou´´

Durante a ditadura, em 1977, Stênio desenvolveu um trabalho para a 14° Bienal Internacional da Arte de São Paulo intitulado “Prisão e Consequências”, denunciando as prisões e atrocidades cometidas pelo regime. A exposição contou, também, com a participação de Patativa do Assaré, com um cordel intitulado “Emigração”. Seus painéis incomodaram os militares, que fizeram uma armadilha para capturá-lo, mas, ele foi avisado e percebeu o plano, conseguindo escapar. Até hoje a Bienal lhe deve os seus painéis. Stênio ministra oficinas para crianças desde 1985. Seu espírito é empreendedor, ativista social e educador. Seus cordéis não são comerciais, trazem uma mensagem em cada um deles, bem como a xilogravura, que busca fazer obras únicas e não segue parâmetros ou alguma escola artística.

Texto adaptado da Memórias Kariri #3

Saiba mais

VILANI BORGES

Artista de Bonecos

Dona Vilani senta todos os dias na calçada de sua casa, em Juazeiro do Norte, para expôr suas bonecas de pano. Aos 67 anos de idade, a artesã sobrevive exclusivamente da venda de sua arte. Entretanto, a confecção das bonecas vai além da questão financeira. Para ela, o ofício foi a forma encontrada para tocar o cotidiano adiante.

Nascida em Iguatu, Vilani Borges chegou ao Cariri em 1972. Sua família veio para a terra do Padre Cícero em busca de melhores oportunidades de vida. Desde então, a calçada de sua casa funciona como uma vitrine de arte. Além disso, a placa escrita “Bazar e Artezanato”, indica um brechó popular para a comercialização de peças doadas pela comunidade. Ninguém ensinou a arte da costura a Dona Vilani. Ela aprendeu sozinha, apenas observando outras pessoas trabalharem, o que é um motivo de orgulho para a artesã.

Além dos bonecos, ela confecciona tapetes de fuxico, bichinhos de pelúcia para encostar nas portas de casa, tapetes de retalho, guardadores de sacola e bonecas pequenas, que também compõem o seu catálogo. Embora bonecas sejam vistas como um brinquedo, geralmente a arte de Dona Vilani tem um destino diferente: a decoração. Todos os produtos são comercializados por preços convidativos, entre 5 e 10 reais.

"É só eu e Deus. Ninguém me ensinou não, eu vendo, eu faço"

A religião também está muito presente no dia a dia de Dona Vilani. Ao entrar em sua casa, os itens religiosos são logo notados. Estátuas de santos, uma grande bíblia com um terço ao seu redor e fotos nas paredes montam um altar na sala de estar. A fala de Dona Vilani carrega um ar de felicidade que só as pessoas mais simples conseguem expressar. Apesar das dificuldades de ser uma mulher idosa que mora sozinha e tenta vender sua arte por conta própria, ela não desanima e leva a conversa com um tom bem humorado e esperançoso.

Texto adaptado da Memórias Kariri #2

Saiba mais

QUESTÕES

1. Qual personagem você mais se identificou? Por quê?

2. Em quais cidades se passam as histórias? Você as conhece? Se sim, fale sobre elas.

3. Escolha uma dessas histórias e reconte-a com base no que entendeu (use a criatividade, em texto ou desenho):

CAÇA-PALAVRAS

X	I	L	O	G	R	A	V	U	R	A	C
A	U	L	P	C	N	T	I	A	R	C	O
A	S	H	T	A	T	N	O	H	K	B	U
C	Í	C	E	R	O	B	E	N	T	O	R
E	B	A	B	I	N	S	K	I	O	N	O
A	H	V	T	R	R	D	S	S	H	E	S
O	L	I	B	I	O	R	D	I	H	C	N
I	J	L	U	H	F	A	F	E	T	A	A
I	Ó	A	A	R	T	I	S	T	A	S	G
P	I	N	T	U	R	A	H	E	E	F	L
B	A	I	T	T	G	M	O	C	Y	E	Y
I	S	T	E	N	I	O	D	I	N	I	Z

ARTISTAS
BABINSKI
BONECAS
CARIRI
COURO
CÍCEROBENTO
JOIAS
PINTURA
STÊNIODINIZ
VILANI
XILOGRAVURA

MEMÓRIAS
KARIRI